


---

**A leitura e a figura do leitor na literatura de Machado de Assis: pontes para o letramento literário**


*Reading and the Figure of the Reader in the Literature of Machado de Assis: Bridges to Literary Literacy*

Autoria: Everton Alexandre Carneiro Anunciação

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7599-7245>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3490139076930864>

Coautoria: Flávia Aninger de Barros

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3819-9137>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9130941856755320>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208021>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/208021>

Recebido em: 10/02/2023. Aprovado em: 17/05/2023.

---

**Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira**


São Paulo, Ano 12, n. 22, jan.-jun., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: [opiniaes@usp.br](mailto:opiniaes@usp.br)

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

---

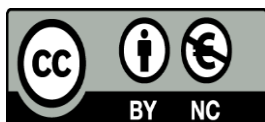
**Como citar (ABNT)**

ANUNCIÇÃO, Everton Alexandre Carneiro. BARROS, Flávia Aninger de. A leitura e a figura do leitor na literatura de Machado de Assis: pontes para o letramento literário. *Opiniões*, São Paulo, n. 22, pp. 355-373, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208021>. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/208021>.

---

**Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)**



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

---

# a leitura e a figura do leitor na literatura de machado de assis: pontes para o letramento literário

Reading and the Figure of the Reader in the Literature of Machado de Assis:  
Bridges to Literary Literacy

**Everton Alexandre Carneiro Anunciação**<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

**Flávia Aninger de Barros**<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.208021>

---

<sup>1</sup> Everton Alexandre Carneiro Anunciação é graduando em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: [alexandre.aquino2207@gmail.com](mailto:alexandre.aquino2207@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7599-7245>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3490139076930864>.

<sup>2</sup> Flávia Aninger de Barros é doutora em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e atua como professora na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: [flavianinger@gmail.com](mailto:flavianinger@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3819-9137>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9130941856755320>.

### Resumo

O presente trabalho visa analisar a figura do leitor em contos de Machado de Assis, com o intuito de compreender como o leitor é entendido na literatura machadiana e, assim, pensar possíveis caminhos para o letramento literário de estudantes da Educação Básica. Inicialmente, realizamos uma breve análise sobre a formação leitora no Brasil. Em seguida, refletimos sobre a relação texto, autor e leitor, a formação subjetiva dos leitores e analisamos diferentes perfis de leitores presentes em três contos machadianos: *Miss Dollar*; *Linha reta, linha curva*; *Ex Cathedra*. Por fim, fizemos algumas considerações críticas sobre a formação do leitor literário em sala de aula e o processo de letramento literário. Como base teórica para a compreensão do leitor e do letramento literário, recorremos a Jouve (2002), Cosson (2021), Rouxel (2013) e Langlade (2013). Para os estudos do leitor nos contos machadianos nos apoiamos em Guimarães (2012) e Zilberman (1996). Assim, foi possível perceber a consciência do escritor no que diz respeito à participação ativa do leitor no processo de leitura, como construtor dos sentidos da obra; o caráter subjetivo da atividade leitora; as muitas facetas dos sujeitos leitores; e a leitura como instrumento de construção dos indivíduos.

### Palavras-chave

Machado de Assis. Leitura. Letramento literário. Leitor. Conto.

### Abstract

This work aims to analyze the figure of the reader in stories by Machado de Assis, with the aim of understanding how the reader is understood in Machado's literature and, thus, thinking about possible paths for the literary literacy of Basic Education students. Initially, we carried out a brief analysis of reader formation in Brazil. Next, we reflect on the relationship between text, author and reader, the subjective formation of readers and analyze different profiles of readers present in three Machado's short stories: *Miss Dollar*; *Linha reta, linha curva*; *Ex Cathedra*. Finally, we made some critical considerations about the formation of the literary reader in the classroom and the process of literary literacy. As a theoretical basis for understanding the reader and literary literacy, we turn to Jouve (2002), Cosson (2021), Rouxel (2013) and Langlade (2013). For studies of the reader in Machado's tales, we relied on Guimarães (2012) and Zilberman (1996). Thus, it was possible to perceive the writer's conscience regarding the reader's active participation in the reading process, as a builder of the meanings of the work; the subjective nature of the reading activity; the many facets of the reader subjects; and reading as an instrument for the construction of individuals.

### Keywords

Machado de Assis. Reading. Literary Literacy. Reader. Short Story.

## 1. formação de leitores no brasil

No Brasil, a formação de leitores representa ainda um grande desafio para a educação básica. Embora tenham registrado um pequeno aumento nos últimos anos, os resultados de estudantes brasileiros em estudos internacionais sobre leitura continuam abaixo da média internacional — como pode ser observado nas últimas edições do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA).

De acordo com o relatório *Brasil no PISA 2018* (BRASIL, 2020) — documento que apresenta o desempenho dos estudantes brasileiros na edição de 2018 do programa, bem como a comparação com as edições anteriores —, aproximadamente metade dos estudantes brasileiros não atingiram o nível mínimo de proficiência em letramento em leitura. O Brasil registrou, em média, 413 pontos no exame, enquanto a média internacional foi de 487. O baixo índice registrado pode representar “um grande obstáculo na vida desses jovens, dificultando ou até mesmo impedindo que eles avancem em seus estudos, tenham oportunidades melhores no mercado de trabalho e participem na sociedade” (BRASIL, 2020, p. 76).

Dentre as habilidades avaliadas no exame, destacam-se a compreensão das informações presentes no texto; o estabelecimento de relações com o conhecimento de mundo; a reflexão e o envolvimento sobre e com o que foi lido. Dessa maneira, percebe-se que a competência leitora é analisada não apenas como a capacidade de decodificar signos, mas a de se relacionar com o texto, fazer o conhecimento próprio dialogar com o texto e, assim, alcançar a construção de sentidos possíveis.

Levando em conta os resultados apresentados, é de se esperar que a formação do leitor literário na escola enfrente muitos obstáculos. Segundo Cosson (2021), entre os obstáculos enfrentados pela educação básica, no que diz respeito à inserção dos estudantes no horizonte da literatura, encontra-se a forma como a literatura é abordada. Em muitas situações, a formação do leitor literário na escola acontece — quando acontece — de forma equivocada. As práticas presentes em sala de aula costumam privilegiar dados e informações que concernem muito mais à história e à teoria da literatura e, por vezes, deixam a experiência literária de lado. Portanto, é imprescindível que os profissionais envolvidos na educação básica discutam novas formas de tratar a literatura e a formação do leitor literário em sala de aula, como também assumam condutas que valorizem o texto e o leitor literários durante todo o processo de letramento.

Em vista disso, o presente trabalho visa contribuir com os estudos sobre o letramento literário em sala de aula a partir da experiência com os textos literários. Para isso, partimos do pressuposto de que a leitura mediada dos contos de Machado de Assis (1839-1908), com foco nas relações que o escritor estabelece com o leitor em seus textos, pode iluminar os caminhos a serem percorridos pelos profissionais da educação básica que se empenham na formação do leitor literário. A análise dos leitores machadianos pode fornecer materiais que auxiliem no desenvolvimento de ações voltadas para o letramento literário de forma efetiva, valorizando o leitor e o texto literário.

## 2. breve olhar sobre a comunicação literária: autor, texto e leitor

A comunicação literária — aquela realizada através dos textos literários — é dotada de peculiaridades. Diferente da comunicação oral, na qual o emissor e o receptor podem ocupar o mesmo espaço ou a mensagem é enunciada e recebida de forma instantânea, fazendo com que as partes envolvidas se relacionem concomitantemente, na comunicação escrita, o emissor e o receptor estão quase sempre dissociados, como sinaliza Ricoeur (apud Jouve, 2002). O autor (emissor) e o leitor (receptor) nem sempre dividem o mesmo espaço geográfico, a mesma cultura ou são contemporâneos.

Observando a comunicação literária, é possível identificar inicialmente três instâncias básicas que a compõem: o autor, o texto e o leitor. O autor é o indivíduo que, dentro de um contexto social e intelectual, imerso numa cultura e formado enquanto sujeito por variadas circunstâncias e condições, escreve o texto. Durante a escrita, consciente ou inconscientemente, o autor insere aspectos que são interligados a sua realidade; logo, conclui-se que a escrita do texto — e, no caso aqui discutido, do texto literário — é, também, fruto da visão de mundo de quem o escreve. Desse modo, o texto é o resultado das inquietações e experiências do autor. No entanto, ao ser concluído, segundo Jouve (2002), o texto torna-se autônomo. Por ser aberto a variadas interpretações quando é recebido pelo leitor, o texto não mais se encontra no mesmo espaço subjetivo no qual foi criado e, por isso, torna-se uma nova instância da comunicação.

Compleando o triângulo literário, encontra-se o leitor. Ele é o indivíduo que recebe o texto literário, desvenda suas pistas e constrói progressivamente, a partir dos sentidos intrínsecos ao texto e de sua experiência subjetiva enquanto sujeito e leitor, seus sentidos possíveis. Assim como a subjetividade do autor é fundamental durante a escrita, a do leitor também o é durante a leitura. De acordo com Jouve (2002, p. 24), “cada leitor novo traz consigo suas experiências, sua cultura e os valores de sua época”. Como mencionado anteriormente, autor e leitor estão separados no espaço, tempo e contexto sociocultural e, por isso, os recursos que um leitor utiliza durante a interpretação de um texto são distintos dos utilizados ou pensados pelo autor.

Destarte, pode-se observar que, por ser a leitura um processo que ocorre dentro do campo subjetivo, o texto literário apresenta uma ampla gama de possibilidades interpretativas. Nesse sentido, um texto é, de certa forma, sempre plural. Um mesmo texto pode ser interpretado de diferentes formas. Sobre isso, Langlade (2013, p. 33) afirma que “toda obra literária engendra uma multiplicidade de obras originais produzidas pelas experiências, sempre únicas, dos leitores empíricos”. Apoiado em Pierre Bayard, o estudioso ainda faz a distinção entre o “texto geral” e o “texto singular”. O primeiro diz respeito ao texto publicado — aquele programado pelo autor — o qual todos têm acesso; o segundo é o texto que se constitui em cada leitor enquanto este leva sua subjetividade ao texto geral. Justamente por existir um texto geral, podemos afirmar que, embora o texto literário permita múltiplas leituras, não se pode realizar qualquer leitura. É no texto geral que encontramos as pistas de condução da interpretação e onde conhecemos seus limites. Sobre isso, Jouve (2002) afirma:

[...] a recepção é, em grande parte, programada pelo texto. Dessa forma, o leitor não pode fazer qualquer coisa [...] Nem todas as leituras, portanto, são legítimas. Existe, de fato, como nota Eco, uma diferença essencial entre “utilizar” um texto (desnaturá-lo) e “interpretar” um texto (aceitar o tipo de leitura que ele programa). (JOUVE, 2002, pp. 26-27)

Portanto, nota-se que a relação entre texto, autor e leitor não se estabelece de forma mecânica e simples. Cada instância da comunicação traz em si peculiaridades que tecem o processo maior que liga essas três partes: a leitura.

### 3. a leitura e o leitor

A leitura deve ser objeto de constante investigação, tanto pela sua complexidade quanto pelos seus benefícios. Mesmo sendo objeto de pesquisa sob variadas perspectivas e por diferentes pesquisadores, a imprescindível necessidade de lidar com os problemas mencionados anteriormente — no que diz respeito à formação inadequada de leitores (ou, em alguns casos, inexistente) e as consequências que disso derivam — fazem da leitura um tema aparentemente inesgotável na discussão acadêmica.

No que concerne à complexidade, visando compreender como se dá o processo de leitura, Jouve (2002), fundamentado nas contribuições de Gilles Thérien, elenca as cinco dimensões da leitura: a neurofisiológica — a capacidade de, através da visão, perceber, identificar e memorizar os signos; a cognitiva — a percepção dos signos é sucedida pela compreensão do significado inerente; a afetiva — no bojo das partes encantadoras do ato de ler, as emoções que são provocadas durante a experiência literária, “a identificação da experiência estética”, segundo Jouve (2002, p. 20); a argumentativa — a capacidade de analisar as proposições do texto e, por conseguinte, aceitá-las ou não; e, por fim, a simbólica — os sentidos que o leitor constrói a partir de seu ambiente cultural.

Além de ser uma atividade complexa, a leitura se apresenta como uma necessidade na relação humana, pelos seus benefícios. A literatura, de modo geral, já se apresenta como uma necessidade antes mesmo do texto chegar até o leitor. Ao escrever, o autor despeja sobre o papel fantasias e idealizações que o afastam de sua realidade mais imediata, mas que o aproximam de outras verdades. Para Vargas Llosa,

a ficção é uma mentira que encobre uma verdade profunda: ela é a vida que não foi, a que os homens e mulheres de determinada época quiseram levar e não levaram, precisando, por isso, inventá-la. Ela não é o retrato da história, mas a sua contracapa ou reverso, o que não aconteceu e, precisamente por isso, precisou ser criado pela imaginação e pelas palavras para satisfazer as expectativas que a vida de verdade era incapaz de cumprir, para preencher o vazio que homens e mulheres

descobriam à sua volta e tentavam povoar com os fantasmas que eles próprios fabricavam. (LLOSA, 2008, p. 9)

Do ponto de vista do escritor peruano, a literatura — em suas palavras tratada pelo termo “ficção” — é uma necessidade não apenas de quem lê, mas também de quem a escreve. O texto literário nasce quando um autor leva para o papel sua fantasia, enquanto o leitor é o indivíduo sedento de fantasia. Seguindo a visão da literatura como necessidade humana, destacam-se as contribuições de Candido (2011), ao defender que a literatura deve ser um direito básico de todos os seres humanos. No mesmo viés da afirmação de Llosa, Candido sustenta que nenhum humano consegue viver sem alguma espécie de fabulação; a literatura, deste modo, é vista como uma necessidade. Além disso, o crítico literário brasileiro destaca o impacto da literatura na formação social e humana, de caráter cultural e subjetivo — grosso modo, seu papel humanizador. De acordo com Antonio Candido,

[...] podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. [...] Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudicial, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2011, p. 177)

Seguindo teias discursivas semelhantes, a antropóloga Michèle Petit nos apresenta a leitura a partir de perspectivas que ultrapassam o limite da mera absorção das informações contidas no texto, apresentando-nos uma visão de leitura que dialoga com as mencionadas anteriormente. Em seu livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (2009), Petit destaca a leitura e a literatura, através de diversos relatos empíricos, como refúgio, espaço de acolhimento, fuga da realidade, objeto de transformação de condições precárias, ferramenta de construção e reconstrução de si. Sobretudo, segundo a autora, a apropriação da literatura

parece desejável por vários motivos [...] porque quando aí se penetra, torna-se mais hábil no uso da língua; conquista-se uma inteligência mais sutil, mais crítica; e também torna-se mais capaz de explorar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido e valor poético”. (PETIT, 2009, pp. 28-29)

À vista disso, além de alimentar as fabulações e desejos humanos e de fazer da vida um percurso suportável mesmo diante de adversidades no plano do real que nos cerca, a literatura se apresenta também como formadora de sujeitos mais críticos, com capacidade de enxergar além do que é perceptível ao primeiro olhar. Ela é, como afirma Llosa (2008, p. 11), “uma atitude de rebeldia”, tanto quando está sendo escrita, quanto no momento em que está sendo lida. Vê-se, destarte, a imprescindibilidade de esforços na educação básica voltados para a formação de sujeitos leitores.

### 3.1 o leitor em machado de assis

A figura do leitor aparece diversas vezes nos textos de Machado de Assis, escritor que demonstra plena consciência do valor da recepção literária e habilidade ao trabalhar com as possibilidades que dela são provenientes. Em seus textos, nos deparamos tanto com personagens leitores quanto com o próprio leitor empírico de Machado, muitas vezes, personificado. Ambos os casos, tanto o personagem leitor quanto o leitor empírico na estrutura do texto, podem ser identificados, por exemplo, no conto *Luís Soares*. Ao apresentar o protagonista, que nomeia o conto, o narrador começa nos contando um pouco de sua rotina: contrária à de qualquer outro homem comum da sociedade. Luís Soares troca o dia pela noite; dorme durante o dia, faz vigília pela noite. Além disso, acrescenta outra informação importante à descrição do personagem: é um leitor de romances, que costumava sempre ler uma página antes de dormir. Ademais, o leitor empírico é convidado ao texto mais de uma vez. Primeiro, numa pausa da narrativa para rememorar dois pontos importantes do conto: “Há de lembrar-se o leitor do frio cumprimento trocado entre Adelaide e seu primo; também se há de lembrar que Soares disse ao amigo Pires ter sido amado por sua prima” (ASSIS, 2019, p. 49). Em outro momento, dirigindo-se mais uma vez ao leitor empírico, o narrador atribui a ele uma interpretação que torna possível também a aproximação do leitor com o texto e com os fatos narrados: “Os leitores terão visto que, apesar de certa argúcia da parte de Soares, não tinha ele a perfeita compreensão das cousas, e por outro lado o seu caráter era indeciso e vário” (ASSIS, 2019, p. 56).

Como visto, o narrador machadiano estabelece, frequentemente, diálogos com o seu leitor. Ao agir assim, o narrador rompe as margens do texto literário e abre espaço para discussões sobre o papel do leitor e da leitura literária. Dessa forma, o leitor machadiano não ocupa uma posição de passividade, mas é inserido no corpo do texto e é convidado, pelo narrador, a discutir suas expectativas, interpretações e previsões. Segundo Zilberman (1996), ao trazer o leitor para o texto literário, Machado, além de apontar para o caráter social de sua obra, revela que a legitimidade da literatura também se constitui “na proposta de um confronto com o leitor, agudizando suas percepções e fazendo-o entender a literatura, por extensão, o mundo que o circunda, independentemente do representado no texto ser conhecido ou ter componentes realistas” (ZILBERMAN, 1996, p. 108).



### 3.1.1 leitura e construção do sujeito

Na literatura machadiana, há dezenas de personagens que demonstram apreço pela leitura e a realizam de forma constante e prazerosa. Além disso, pode-se observar a influência dessas leituras na construção da personalidade dos sujeitos leitores, mesmo que sejam personagens. A partir dessas influências, o leitor se constrói e/ou desenvolve sua atividade leitora e se forma enquanto indivíduo. Analisando como são construídas as personalidades dos personagens-leitores machadianos, podemos relacionar a influência das leituras no modo de compreender e de se comportar no mundo.

Em diversos contos de Machado de Assis encontramos diálogos com seus leitores empíricos, intercepções de interpretações, previsões daquilo que os leitores interpretarão ou interpretaram e, em muitos casos, esse leitor, quando referido, está acompanhado de um adjetivo: “leitor grave”, “leitor romântico”, “leitor sério”, como se vê abaixo, no conto *A parasita azul*, publicado em *Histórias da meia-noite*: “Enquanto o povo de Santa Luzia faz mil conjeturas a respeito da causa verdadeira da isenção que até agora tem mostrado a formosa Isabel, estou habilitado para dizer ao leitor impaciente que ela ama” (ASSIS, 2019b, p. 230). Ao tratar de especulações sobre os sentimentos de Isabel, jovem personagem que Camilo, o protagonista, busca conquistar anos após um inocente namoro infantil entre os dois, o escritor se dirige aos leitores impacientes — aqueles que querem saber o que Isabel sente por Camilo — afirmando os sentimentos de Isabel com relação ao Camilo. Vê-se, desse modo, uma adjetivação da figura do leitor que é pensado pelo narrador a partir de peculiaridades dos leitores e, sobretudo, de sua própria identidade literária. Certamente, tais proposições só são possíveis pelo fato do escritor entender que todo leitor é construído a partir de suas leituras; como as possibilidades de leituras são variadas, há também uma série de tipos de leitores distintos.

De acordo com Rouxel (2013), grandes leitores não conseguem fazer autodescrições sem mencionar os livros que os atravessaram. Durante as leituras, os sujeitos constroem suas respectivas identidades literárias que, segundo a autora anteriormente mencionada, diz respeito a “uma espécie de equivalência entre si e os textos: textos de que eu gosto, que me representam, que metaforicamente falam de mim, que me fizeram ser o que eu sou, que dizem aquilo que eu gostaria de dizer, que me revelaram a mim mesmo” (ROUXEL, 2013, p. 70). Compreender a noção de identidade literária é fundamental, tanto para compreender a formação subjetiva do indivíduo em suas relações sociais — ou, dentro do texto literário, ampliar o entendimento sobre a construção do caráter do personagem —, quanto para entender sua formação subjetiva enquanto leitor.

Pensando nisso, observa-se em *Ex Cathedra*, conto publicado na *Gazeta de Notícias*, em 08 de abril de 1884, e depois reunido junto a outros contos no livro *Histórias sem data* (1884), como a personalidade de Fulgencius — autonegação do personagem — está intrinsecamente associada a sua condição de leitor. De acordo com o texto, Fulgêncio

lia com excesso, lia de manhã, de tarde e de noite, ao almoço e ao jantar, antes de dormir, depois do banho, lia andando, lia parado, lia em casa e na chácara, lia antes de ler e depois de ler, lia toda a casta de livros, mas especialmente direito (em que era

graduado), matemáticas e filosofia; ultimamente dava-se também às ciências naturais. (ASSIS, 2019c, p. 125)

Vê-se, portanto, na descrição, um panorama sobre a personalidade leitora de Fulgêncio: um leitor incansável, apaixonado pela total imersão nas páginas dos livros e, por último, interessado em livros que guardam grandes conhecimentos de distintas áreas: desde as ciências humanas, perpassando as ciências exatas e naturais. Nota-se que é um leitor encantado pela ciência, informação que, segundo Rouxel (2013, p. 70), é revestida de “valor na história pessoal do leitor” e, por isso, são “dignas de representá-lo”.

A identificação leitora do personagem influencia de forma ampla seu modo de ver e agir no mundo. Ainda segundo Rouxel, a identificação do leitor com suas preferências “são experiências pelas quais se forja ou se afirma a personalidade do sujeito leitor” (2016, p. 76). Desse modo, é possível observar tal influência no comportamento do personagem quando decide preparar Caetaninha, sua afilhada, e Raimundo, um sobrinho órfão que chegara há pouco em sua chácara, para o casamento:

[...] resolveu casá-los; mas viu também que, a menos de lhes pegar nas mãos e mandar que se amassem, o acaso podia guiar as coisas por modo diferente. Uma ideia traz outra. A ideia de os casar pegou por um lado com uma de suas opiniões recentes. Era esta que as calamidades ou os simples dissabores nas relações do coração provinham de que o amor era praticado de um modo empírico; faltava-lhe a base científica. Um homem e uma mulher, desde que conhecessem as razões físicas e metafísicas desse sentimento, estariam mais aptos a recebê-lo e nutri-lo com eficácia, do que outro homem e outra mulher que nada soubessem do fenômeno. (ASSIS, 2019c, pp. 127-128)

Por ser um leitor assíduo das ciências, o padrinho de Caetaninha buscou uma fundamentação científica para as emoções e especialmente para o amor — que mais tarde se provará inútil. Isso demonstra, de certa forma, o modo como a leitura nos faz visualizar/ler o mundo. As leituras do velho Fulgêncio contribuíram para sua formação enquanto sujeito, enquanto ser pensante e crítico e, por conseguinte, essa formação lhe proporcionou uma forma própria de ser, existir e pensar no mundo. Ao personificar no personagem principal, com bem-humorado exagero, essa ideia da constituição do indivíduo, podemos compreender como Machado considera a leitura como uma atividade de construção e formação subjetiva.

### 3.1.2 um texto, muitos leitores

Em *Miss Dollar*, primeiro conto do livro *Contos Fluminenses* (1870), a interlocução entre narrador e leitor é perceptível logo no primeiro capítulo. A narração recorre ao espaço de indeterminação que, segundo Jouve (2002), é a ausência de informações que provoca a imaginação do leitor e é vista como “um

meio eficiente de programar a cooperação do leitor” (JOUVE, 2002, p. 72). Ao se deparar com o título, o leitor realiza uma das instâncias básicas da leitura, a antecipação. Ainda de acordo com Jouve (2002), quando este identifica um enunciado — neste caso, o título do conto — a primeira reação é tentar entender a intenção por trás dele. Ao texto cabe a programação; ao leitor, a interpretação.

Portanto, ao verificar o título *Miss Dollar*, é comum que ocorram ao leitor dúvidas sobre o tema a que o título se refere. É justamente nesse espaço indeterminado que o texto começa instigando a curiosidade do leitor e, por conseguinte, estabelecendo as primeiras relações de diálogo. O narrador, por sua vez, demonstra a plena consciência do autor sobre os efeitos produzidos pelo título e as possíveis antecipações processadas pelo leitor:

Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era *Miss Dollar*. Mas por outro lado, sem a apresentação de *Miss Dollar*, seria o autor obrigado a longas digressões, que encheriam o papel sem adiantar a ação. Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes *Miss Dollar*. (ASSIS, 2019, p. 17)

Após garantir a apresentação da personagem, o narrador supostamente começa a percorrer o caminho para tal: o leitor jovem e melancólico deve imaginar uma Miss Dollar branca, magra, de olhos azuis e cabelo louro em tranças, apreciadora da literatura, “vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare” (ASSIS, 2019, p. 17). Porém, se o leitor não se identifica com os devaneios e melancolias do leitor citado, deve imaginar uma Miss Dollar totalmente diferente: “desta vez será uma robusta americana, vertendo sangue pelas faces, formas arredondadas, olhos vivos e ardentes” (p. 17). O leitor da terceira idade não deve imaginar nenhuma das personagens descritas anteriormente. Este deve imaginar uma inglesa de 50 anos, cabelos grisalhos e óculos verdes, escritora de romances. No entanto, o último leitor, o mais esperto, não imaginará a personagem como nenhuma das outras: para este, Miss Dollar é uma brasileira e seu nome em inglês significa apenas que é uma mulher rica. Ao fim do capítulo, o leitor, induzido pela voz narrativa a projetar sua imaginação sobre o texto, tem suas expectativas frustradas ao descobrir a verdadeira identidade de Miss Dollar: uma cadelinha galga que havia desaparecido e, com isso, dá origem aos acontecimentos relatados no conto.

De acordo com Hélio Guimarães,

Ao antecipar a expectativa do leitor para em seguida desmentí-la, o narrador parece ter em mente um leitor acostumado a uma norma [...] distinta da que considera desejável; daí a postura de quem parece estar o tempo todo corrigindo os impulsos interpretativos do interlocutor. (GUIMARÃES, 2012, p. 118)

Observa-se, segundo Guimarães (2012), que a estratégia de antecipação realizada pelo narrador e a forma como tal mecanismo atua na recepção literária é, de certa forma, disfarçada pelo tom de conversa próprio do narrador machadiano

com o seu interlocutor. No conto mencionado, o interlocutor é abordado no início do texto, antes mesmo de poder elaborar possíveis interpretações daquilo que será lido.

Ao traçar quatro perfis diferentes para quatro leitores distintos, observamos outro aspecto da obra machadiana: o reconhecimento da subjetividade do leitor. O autor compreende que a interpretação do texto é realizada a partir das vivências socioculturais, conhecimentos e leituras prévias dos indivíduos. Dessa forma, quatro leitores, de quatro personalidades, culturas e idades distintas, ao realizarem suas projeções sobre um único texto, terão, nesse espaço indeterminado, quatro interpretações distintas.

A subjetividade do leitor é reconhecida em outros contos de Machado, principalmente ao associar possíveis interpretações a diferentes leitores. Assim, aparentemente, Machado reconhece que diferentes tipos de leitores projetarão sobre o texto visões dessemelhantes. Segundo Vincent Jouve:

O eu que se engaja na obra é, de fato, ele próprio um *texto*: o sujeito nada mais é do que a resultante de influências múltiplas. A interação que se produz na leitura é, portanto, sempre inédita. O sentido, longe de ser imanente, se apresenta como o resultado de um encontro: o do livro e do leitor. (JOUVE, 2002, p. 127).

De acordo com Cosson (2021), a formação do leitor e o letramento literário ocorrem com a soma dessas influências múltiplas. O leitor, portanto, é uma espécie de texto escrito por todos os textos lidos anteriormente e está sempre em processo de formação pelos novos textos – o letramento literário é um processo constante. A relação estabelecida com as novas leituras sofre influências das leituras anteriores. Ainda em *Miss Dollar*, Machado se dirige diretamente a outros três leitores, cada um deles acompanhado por um adjetivo que aparentemente influencia suas interpretações e fazem parte de seu histórico como leitor: o leitor superficial, o leitor grave e o leitor conspícuo (ASSIS, 2019, pp. 19-28).

Quando relata a variada coleção de cães de Dr. Mendonça, médico que encontra a cadelinha Miss Dollar, o narrador acrescenta:

O leitor superficial conclui daqui que o nosso Mendonça era um homem excêntrico. Não era. Mendonça era um homem como os outros; gostava de cães como outros gostam de flores. Os cães eram suas rosas e violetas; cultivava-os com o mesmíssimo esmero. (ASSIS, 2019, p. 19)

Assim, o narrador alerta aos leitores superficiais sobre uma possível interpretação equivocada que poderiam estar atribuindo ao Dr. Mendonça. A superficialidade do leitor, portanto, seria não considerar o Dr. Mendonça um homem como qualquer outro que coleciona aquilo que gosta.

O narrador também defende Dr. Mendonça de outro tipo de leitor: o leitor grave. Esse leitor é aquele que encara com seriedade o fato de Dr. Mendonça evitar mulheres com olhos verdes como os de Margarida, dona de Miss Dollar, pois, segundo o médico, “a cor verde é a cor do mar [...] evito as tempestades de um; evitarei as tempestades de outro” (ASSIS, 2019, p. 22). O leitor grave é um leitor

sisudo, considera infantil o pensamento de Dr. Mendonça. Mais uma vez, o leitor é levado a discutir a interpretação do texto, pois segundo o narrador, o leitor em questão, ao acreditar na imaturidade do argumento de Dr. Mendonça,

Provará com isso que tem pouca prática do mundo. Os almanaques pitorescos citam até à saciedade mil excentricidades e senões dos grandes varões que a humanidade admira, já por instruídos nas letras, já por valentes nas armas; e nem por isso deixamos de admirar esses mesmos varões. Não queira o leitor abrir uma exceção só para encaixar nela o nosso doutor. Aceitemo-lo com os seus ridículos; quem os não tem? (ASSIS, 2019, p. 22)

Por último, o narrador atribui uma visão sobre as visitas de Mendonça à casa de Margarida, a viúva, a um leitor conspícuo. Para ele, não seria agradável que Mendonça fosse tão frequentemente à casa “de uma senhora exposta às calúnias do mundo” (ASSIS, 2019, p. 28). Dentre os leitores mencionados pelo narrador, este é o único cuja interpretação não é de imediato questionada. A menção ao leitor faz o narrador direcionar o texto ao pensamento do médico: em sua consciência pairava o mesmo julgamento que é atribuído a esse tipo de leitor.

Algum leitor conspícuo desejaria antes que Mendonça não fosse tão assíduo na casa de uma senhora exposta às calúnias do mundo. Pensou nisso o médico e consolou a consciência com a presença de um indivíduo, até aqui não nomeado por motivo de sua nulidade, e que era nada menos que o filho da Sra. D. Antônia e a menina dos seus olhos. (ASSIS, 2019, p. 28-29)

Face ao exposto, fica a cargo do leitor concordar ou não com as observações, interpelações e leituras do narrador. De acordo com Jouve (2002), a leitura sempre tem duas dimensões: a dos efeitos e aquela da recepção. A dos efeitos sempre é “comum a todo leitor porque determinada pelo texto” e a da recepção é “infinitamente variável porque dependente daquilo que cada um projeta de si próprio” (JOUVE, 2002, p. 127). As observações feitas pelo narrador heterodiegético, ou seja, que narra a partir de olhar externo aos acontecimentos, nos casos aqui citados, concernem à interpretação do narrador — que também é um leitor, pois lê os acontecimentos. É durante a interpretação que o leitor poderá aceitar ou não a visão que é delineada pelo narrador; sendo assim, o processo da leitura baseia-se no modo da recepção do texto literário, e não apenas nos efeitos que a narração pôde gerar no texto. É a construção dos sentidos possíveis, única para cada leitor, que trará suas visões sobre o conteúdo narrado, estabelecerá problematizações, e costurará suas interpretações. Como foi possível perceber, um único fato narrado pode ser interpretado de variadas maneiras, a depender de quem o lê e de como a narração é guiada.

### 3.1.3 a narrativa e seus efeitos na leitura

Durante a escrita de um texto literário, o autor dispõe de variadas estratégias e possibilidades de articular a forma e o conteúdo de seu texto. Dentre as possibilidades que a escrita de um texto literário permite àquele que o escreve, está a construção de uma voz narrativa. Neste momento, a comunicação literária parece ganhar uma quarta instância; além dos já mencionados autor, leitor e texto, há outro elemento que atua de forma eficaz durante a atividade de leitura: o narrador. Vamos considerar o narrador, para este estudo, como uma nova instância da comunicação literária porque, dentro da estrutura e do sentido do texto, ele não representa de forma integral nem o escritor, nem o próprio texto, mas uma união entre ambos.

O narrador pode estar ou não presente na história que narra — quando se apresenta como um personagem, é chamado de narrador intradieético; quando não, extradieético. Sua construção se dá a partir de pilares que não são propriamente únicos de apenas um dos elementos da comunicação literária; nela, há vestígios da subjetividade de quem o pensou, muito embora aquilo que por ele é enunciado não exprima necessariamente as visões e ideias de quem escreve. Da mesma forma, intrínsecas ao narrador, estão as principais proposições e possibilidades de construção do texto, no entanto, estas não são necessariamente determinantes, já que o texto é recepcionado pelo leitor e esse, durante sua leitura, atribuirá os sentidos do texto baseado nas informações dispostas no texto, na sua experiência leitora e em seu conhecimento de mundo.

O escritor, portanto, ao construir o narrador, se vale de variadas estratégias que tem como objetivo convencer ou não o leitor sobre aquilo que é narrado. Segundo Jouve:

O texto, como resultado de uma vontade criadora, conjunto organizado de elementos, é sempre analisável, mesmo no caso das narrativas em terceira pessoa, como “discurso”, engajamento do autor perante o mundo e os seres [...] Como observa J. M. Adam (1985) em seu estudo sobre a narrativa, “a narração visa levar o interpretador em potencial [...] a uma certa conclusão ou desviá-lo dela” (pp. 6-7). A intenção de convencer está, de um modo ou de outro, presente em toda narrativa. (JOUVE, 2002, p. 21)

Deste modo, ao decidir as estratégias de narração, o escritor irá elaborar estratégias de persuasão. O leitor será alvo das tentativas de convencimento do ponto de vista do narrador, dos conjuntos de ideias imanentes à narração e, em determinados casos, da veracidade das informações narradas. De acordo com Llosa (2008, p. 27), “o que se sabe é que a ficção, por definição, é fraude — algo que finge ser real embora não o seja” (2008, p. 27) e, ao seu modo, o papel do narrador é convencer o leitor sobre a veracidade daquilo que narra ou de seu ponto de vista. Para o escritor peruano, o texto literário são “mentiras” que trazem verdades disfarçadas através das técnicas do escritor e tem como objetivo convencer o leitor, criar uma relação entre texto e leitor e fazer da leitura uma experiência significativa.

Em *Linha reta, linha curva*, conto publicado no Jornal das Famílias entre 1865 e 1866, e presente em *Contos Fluminenses* (2019, vol. 1), Machado nos apresenta um narrador heterodiegético que, através das estratégias de narração, aproxima a ficção da realidade, buscando verossimilhança. O texto inicia anunciando o lugar e a data aproximada dos acontecimentos que serão narrados: “Era em Petrópolis, no ano de 186...” (ASSIS, 2019, p. 140). Observa-se, dessa forma, logo na primeira linha do conto uma tentativa de aproximação do leitor com os fatos que serão narrados. Essa tentativa de aproximação fica ainda mais evidente quando se verifica a data de publicação do conto (1865-1866) e a proximidade entre o local de publicação do conto (Rio de Janeiro) e a cidade em que teriam sucedido os fatos (Petrópolis). Observa-se assim, que o primeiro leitor a quem o narrador se refere é o “leitor intencionado” que, segundo Guimarães (2012), não diz respeito nem ao leitor fictício nem ao leitor empírico, mas trata-se:

[...] de uma imagem do leitor que teria existido na mente do autor, o leitor intencionado consiste numa “ficção de leitor no texto”, que se manifesta por meio de exortações do narrador ao leitor, de sua postura pedagógica, da manifestação de normas e valores [...] A definição do leitor intencionado de um texto implica a realização de uma espécie de arqueologia não só da percepção quanto das intenções do escritor em relação ao seu público. (GUIMARÃES, 2012, p. 44)

Entende-se por leitor intencionado — conceito formulado por Erwin Wolff, crítico literário alemão — o leitor imaginado pelo escritor durante a escrita do texto. No entanto, a referência de um leitor intencionado no texto literário não anula a coexistência ou extingue as possibilidades de interpretação do leitor empírico. Ainda de acordo com Guimarães (2012), as intenções presentes no texto literário “se transformam ao longo do tempo, informadas por condições históricas específicas”. Além disso, os leitores empíricos também são aproximados da realidade e levados a acreditar nos fatos narrados, estratégia que é fortalecida quando o narrador esclarece a origem da história que virá a ser narrada: “É tomada dos anais contemporâneos e dos costumes atuais” (ASSIS, 2019, p. 140). É desse encurtamento entre o que é fictício e o que é real que, segundo Llosa (2008), parte o poder de persuasão do texto literário, pois quando esse limite é ocultado, o texto literário “faz o leitor viver aquela mentira como se fosse a verdade mais imperecível e aquela ilusão, a mais consistente e sólida descrição da realidade” (LLOSA, 2008, p. 37).

Logo, o diálogo entre o narrador e leitor — independente de qual seja entre os leitores mencionados anteriormente — prossegue:

[...] Talvez algum dos leitores conheça até as personagens que vão figurar neste pequeno quadro. Não será raro que, encontrando uma delas amanhã, Azevedo, por exemplo, um dos meus leitores exclame:

- Ah! cá vi uma história em que se falou de ti. Não te tratou mal o autor. Mas a semelhança era tamanha, houve tão pouco cuidado em disfarçar a fisionomia, que eu, à proporção que voltava a

página, dizia comigo: É o Azevedo, não há dúvida. (ASSIS, 2019, p. 140)

Ao aproximar o leitor dos acontecimentos do conto, o narrador, segundo Cardoso (2003, p. 57), “consegue imprimir um grau de verossimilhança maior”. Desta forma, o leitor, que agora se vê mergulhado numa aguçada curiosidade sobre o que será revelado — fruto da suspensão temporária dos fatos que serão revelados posteriormente —, é motivado a continuar a leitura para buscar as informações sobre os personagens do texto. Observa-se nesse momento que o limite entre o plano fictício, pertinente ao narrador, e o real, pertinente ao autor, é quase dissolvido. Estaria Machado dialogando com os seus contemporâneos leitores de folhetim ou seriam estratégias do escritor para tornar a recepção do texto mais atrativa? Segundo Jouve, uma das dimensões da leitura é a dos efeitos produzidos pelo texto. Esses efeitos são contemplados apenas a partir da leitura ativa, quando o leitor levará suas impressões para o texto e poderá “achar legítimo ou não [...] [se] convencer por ele ou, ao contrário, desconfiar dele” (JOUVE, 2002, p. 127).

#### 4. um letramento: o literário

Podemos entender letramento como a condição de uso da leitura e da escrita nas atividades sociais cotidianas a elas relacionadas. Segundo Magda Soares, o letramento se configura como “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2003, p. 18). Como é um processo amplo, o letramento pode ser dividido em diferentes níveis e tipos de proficiência. Entre esses, encontra-se o letramento literário. O processo de letramento literário é, portanto, o letramento realizado a partir dos textos literários. Este concerne à capacidade de se apropriar do texto, de estabelecer uma relação entre os próprios conhecimentos prévios com o texto, de refletir sobre ele, de envolver-se com ele e, sobretudo, a capacidade de atuar na construção de seus sentidos possíveis.

É perceptível que o ensino de literatura no Brasil vem sofrendo grandes dificuldades. Observa-se nas grades curriculares uma listagem de conteúdos que valorizam informações sobre a história da literatura, enquanto sua relação com o estudante é deixada em segundo plano. Nesses casos, a aula de literatura é uma grande palestra sobre a linha do tempo das escolas literárias, informações sobre autores, características de obras e períodos; o aluno, portanto, é visto como um mero repositório de dados históricos, biográficos e bibliográficos. O texto – ou melhor, o “trecho” – literário, é quase sempre visto em retalhos. Conforme os estudos atuais sobre o ensino de literatura, o letramento literário aparece como uma necessidade, não apenas por defender a valorização dos textos em si mesmos, mas principalmente por construir pontes entre o estudante e a literatura e tornar o estudante parte ativa na construção de sentidos do texto. De acordo com Rildon Cosson,

[...] a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objeto próprio de ensino. Os



que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudística do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada. (COSSON, 2021, p. 23)

Deste modo, cabe ao professor, fazer com que a experiência escolar da literatura tenha como base a leitura dos textos literários. O estudante precisa ser estimulado a explorar as potencialidades da linguagem literária, interagindo com o texto, partindo daquilo que já é conhecido e desbravando, progressivamente, o desconhecido. Para tanto, é necessário pensar atividades, sequências didáticas e novas propostas que façam os estudantes se aproximarem e, quem sabe, se afeiçoarem ao texto literário.

Sustentada nos estudos de Michele Petit, Annie Rouxel destaca a importância do desejo e da afetividade na formação de leitores. O texto deve ser um desejo do leitor, e o leitor, um desejo do texto. No bojo dessa discussão, Petit salienta a importância da oralidade e da mediação na formação de leitores. A criação de círculos de leitura em que os textos são discutidos, em que os estudantes levam suas leituras e são apresentados a novas leituras são importantes, pois a partir de atividades como essa, é possível “provar” o desejo de ler, já que essa inclinação pela leitura “nasce frequentemente do desejo de roubar o objeto que encantava o outro para ter acesso a ele, a conhecer seu segredo, se apropriar de seu poder, do seu suposto charme” (PETIT, 2002, *apud* ROUXEL, 2013, p. 73).

Dentre as variadas possibilidades de práticas de letramento, enquadram-se a criação de círculos de leitura, a exploração dos conhecimentos prévios dos estudantes, estratégias de introdução ao texto, discussões em grupo, além de atividades que estejam voltadas para a oralidade, como rodas de conversa. Mediações como essas, que visam aproximar os estudantes do texto escrito através de discussões, conversas e compartilhamentos são necessárias ao se pensar em formação de leitores pois, de acordo com Petit (2009, p. 59), “para as pessoas que cresceram longe do suporte impresso, alguém tem que emprestar sua voz para que entendam aquela que o livro carrega” (2009, p. 59). Ao trabalhar tais aspectos, as habilidades e competências leitoras poderão ser aperfeiçoadas e poderemos, quem sabe, figurar como melhores leitores nas próximas avaliações nacionais e internacionais.

## considerações finais

Considerando as proposições expostas, pode-se observar, na obra machadiana, sua preocupação com a recepção do texto literário, bem como a partir de seus textos, pensar o que pode ser feito para trabalhar a formação do leitor literário e atividades de leitura em sala de aula. Observou-se que a obra de Machado de Assis considera o caráter subjetivo da atividade leitora, reconhecendo as diferentes formações leitoras que são tecidas a partir das linhas de leitura de cada indivíduo, atribuindo significados ao ato de ler e, através da leitura, atribuindo sentidos também a suas relações sociais.

Conscientes de que a formação de leitores é ainda uma das grandes dificuldades no desenvolvimento do ensino brasileiro, entendemos que se faz necessário, como prática de sala de aula, o estudo de textos — e no caso aqui proposto, especificamente de textos literários — que proporcionem uma reflexão sobre como se dá o processo da leitura, quais as possibilidades de leitura, quem são os leitores, como mediar as atividades de leitura, entre outros. Textos como o de Machado, através da interlocução entre escritor e narrador, rompem os limites do literário e alcançam as searas da recepção, da leitura e das expectativas do leitor.

Portanto, nesse campo de pesquisa, é relevante a análise da figura do leitor em textos de Machado de Assis para estabelecer processos formativos de letramento literário: leitores ativos na comunicação literária que, ao serem convidados ao texto e terem suas interpretações desafiadas, interpeladas, elogiadas, se engajam afetiva e intelectualmente pelas veredas da literatura; leitores que, através da leitura, se constituem enquanto sujeitos; leitores que estão atentos às pistas dos textos e são, a partir de narrativas provocativas, estimulados a desenvolver a construção dos sentidos do texto literário.

## referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. Contos Fluminenses. In: ASSIS, Machado de. *Todos os contos*. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

ASSIS, Machado de. Histórias da meia-noite. In: ASSIS, Machado de. *Todos os contos*. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.

ASSIS, Machado de. Histórias sem data. In: ASSIS, Machado de. *Todos os contos*. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019c.

BRASIL. *Brasil no PISA 2018*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_da\\_educacao\\_basica/relatorio\\_brasil\\_no\\_pisa\\_2018.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf)>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2022.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CARDOSO, Patrícia Alves. *Linhas retas e linhas curvas: a intensificação retórica e a ampliação de sentidos em contos de Machado de Assis*. 2008. 300 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

GUIMARÃES, Helio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. 2. ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2012.

JOUBE, Vicent. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LANGLADE, Gérard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. (org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

LLOSA, Mario Vargas. *Cartas a um jovem escritor: toda vida merece um livro*. Tradução de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROUXEL, Annie. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. (org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ZILBERMAN, Regina. O leitor, de Machado de Assis a Jorge Luís Borges. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, p. 107-120, 1996.